

# **Fuga de Rigel**

## I. Fuga de Rigel

Nunca mais Rigel se esqueceu daquela noite. Nunca mais ele se esqueceu do dia em que fugiu de casa, para voltar para casa. A ansiedade daquela perseguição. O medo de ser pego por quem, horas atrás, era um grande amigo. Aquela noite ficou gravada em sua mente e, de certa forma, guiou todas as suas atitudes daquele momento em diante. Reencontrar a família perdida, deixar para trás uma vida de mentiras, romper com o domínio do medo. Seu coração era uma usina de emoções naquela noite, de ansiedades e de desejos. Mesmo depois, quando perdeu sua memória, a lembrança daquela noite permaneceu muda, inatingível, mas sustentando todos os seus pensamentos. E ele nunca mais deixou de valorizar um abraço, perdoar os erros de quem realmente amava, ajudar outras crianças: para que elas não precisassem também sair de casa.

E nunca mais ele se esqueceu do significado da palavra Pai.

Naquela noite, Rigel corria.

Atrás, à frente e acima, as luzes foscas das lâmpadas da rua brilhavam com o halo característico de uma noite recém-iniciada. O ar trazia uma umidade e limpeza de breve duração, como sempre acontecia após a chuva. Ao seu redor, as pessoas lhe davam passagem, virando sua atenção para dentro de si mesmas. Faziam o possível para evitar notarem um garoto sujo correndo pelas ruas da cidade.

O carro que ele havia usado estava agora inutilizado em meio à avenida: dois pneus perfurados pelos tiros que o impediram de continuar sua fuga. Em um instante, ele pisava no acelerador, mal tendo altura para ver a avenida à sua frente, e no outro, o veículo girava, derrapava e capotava, rodando o planeta ao seu redor. Rigel saiu do carro antes das viaturas de polícia chegarem e saltou do viaduto onde estava para a rua, metros abaixo. Suavizou sua queda conforme se concentrava em aliviar

seu próprio peso. Seus perseguidores, ele sabia, não tinham este luxo, e davam agora uma grande volta para alcançá-lo.

Prédios passavam ao seu redor, algumas pessoas notavam sua pressa. Se não encontrasse algum lugar onde pudesse se esconder logo, os policiais fariam o trabalho de seus perseguidores e todo o seu esforço seria inútil.

“Aposto que não foi assim com Sirius.”

Seus olhos se moviam frenéticos pelos outdoors, placas de trânsito, bancas de jornal, avisos de lojas que fechavam, telões projetados em meio ao horizonte da avenida, e a tudo isso ele lia, memorizava e analisava enquanto corria.

Leu a publicidade da rua por alguns instantes antes de chegar à conclusão óbvia:

“Não vou obter ajuda pelos anúncios... Eu preciso de um local onde possa me esconder... Um esconderijo... De quanto tempo preciso?”

Fez um cálculo mental rápido. O telefonema não demoraria mais do que cinco minutos, precisaria de mais ou menos três para se colocar no relaxamento necessário para perceber as funções de seu cérebro, mais cinco para estabilizar a ansiedade e controlar os centros nervosos adequados. Supondo que a operação fosse bem sucedida, acordaria dali a meia hora, e conhecendo-se, contou mais meia hora de confusão até pôr-se em movimento de novo.

“Uma hora e meia. Eu preciso me esconder de Vega por uma hora e meia”. Naquele momento, a tarefa parecia-lhe impossível, pior ainda porque Vega estava com Alphard, e ninguém lhe conhecia melhor do que Alphard.

Lembrou-se então de uma noite, cerca de dois anos atrás, quando Polaris lhe ensinava sobre os setores do cérebro e de como era possível, com treino suficiente, concentrar-se em mais de uma tarefa ao mesmo tempo sem perda aparente de produtividade em nenhuma delas, uma habilidade que ela chamava de “Multipsiquismo”. Naquele dia, Polaris lhes havia passado uma série de exercícios a serem seguidos, que poderiam com o tempo, estimular este desenvolvimento. Rigel havia se posto a realizar todos, como sempre fazia, determinado a agradar seus professores. Meses depois, com poucos resultados, voltou sua atenção a coisas mais interessantes, como fritar um ovo na cozinha enquanto tomava

banho sem aquecer a água ao seu redor, ou embaralhar cartas sem tocar nelas e ainda falar de cabeça a posição de cada uma.

Porém, naquela noite, com sua vida destruída, seus professores lhe perseguindo, sua melhor amiga vendo-o como traidor e sua única esperança depositada em um homem que não o via a mais de oito anos, dividir sua atenção tornou-se a única saída que via para manter-se vivo. “Se eu não fizer isso, Eles vão me fazer esquecer, vão me fazer gostar de lá de novo”.

Rasalas sempre dizia que a adrenalina era o melhor instrutor.

Então Rigel concentrou-se no que estava fazendo: na sua fuga, nos movimentos dos seus músculos, na atenção que devia ser direcionada ao ambiente para não esbarrar em ninguém, o equilíbrio precário de uma corrida quando se está numa idade onde se começa a tropeçar por qualquer motivo. Concentrou-se em tudo isso, gravou o padrão, e como se fosse um equipamento programado, colocou aquela parte da sua mente para funcionar mecanicamente. Ao mesmo tempo, desfocou a atenção e deixou-se divagar como se estivesse distraído.

Quase imediatamente, sentiu-se assolado por uma grande inspiração criativa, a sensação normal do início de um impulso clarividente. As imagens se sucediam em sua cabeça como um inventor em plena forma, um sonho agitado. Via, ouvia e sentia com sua mente, excitando sua imaginação além dos confins dos olhos e ouvidos físicos.

Ele conhecia a sensação, e pelo tempo que ela demorou a se formar, ainda pensou: “Eu deveria ter treinado mais”.

A este pensamento as imagens tremeram, enfraquecendo-se e sua imaginação falhou. Centrou-se novamente enquanto seu corpo corria pela cidade. Agora ele havia entrado em uma ruela secundária, levado puramente pela necessidade de escapar aos olhares de tantas pessoas. Logo, aquela corrente criativa tomou novamente conta da sua cabeça. Observou com impessoalidade as imagens por um tempo, como nuvens passando à frente de sua mente, e quando lhe pareceu que as nuvens, imagens e pensamentos giravam ao seu redor, e que ele estava parado, imóvel no centro de tudo, que todos aqueles pensamentos eram como uma maré revolta enquanto sua consciência era um barquinho de papel, passivo diante da tempestade, neste momento ele voltou a se concentrar:

“Um lugar para me esconder... Por uma hora”.

O efeito foi brutal, como estar no olho de um furacão e ser imediatamente arremessado para fora, como estar se equilibrando em uma corda e subitamente cair em um precipício. As imagens o assolaram, sua âncora na realidade física escapou, tropeçou e quase caiu enquanto corria, e em meio à confusão formada, uma imagem gritou mais alto em sua mente, e, como se inventasse aquilo por um ato de criatividade voluntária, viu: Um muro, um vigia dormindo, uma porta aberta. Ele sabia onde deveria ir.

Rigel dobrou a esquina duas vezes, e embora não conhecesse o mapa da cidade e nunca houvesse estado naquele bairro antes, encontrou o muro que imaginava, notando de relance, que a cor era diferente do que havia visto. “Eu deveria ter treinado mais mesmo... Mas também, como eu poderia ter treinado para isso: fugir do pessoal da Fundação?”

A porta estava encostada. Dentro havia uma casa nos estágios finais da construção. Subitamente, imaginou que a arquiteta estava trabalhando até tarde na inspeção da obra, e havia acabado de sair para jantar, e sabia que era isso o que tinha ocorrido.

Entrou. Procurou na casa por um cômodo onde o cheiro de tinta fosse menor, já se esforçando para estabilizar a respiração. Encontrou no segundo andar o que pareceria, no futuro, ser um quarto. E Rigel, no afã de um impulso clarividente, o viu decorado com um papel de parede em tons rosados com estampas de animais e um berço onde hoje havia apenas pó.

“Eu preciso me centrar! Calma!”.

Em algum lugar, Vega e Alphard procuravam por ele e logo saberiam onde estava. Precisava ser rápido.

Então, em três longas respirações, Rigel tranqüilizou-se. Afastou-se das imagens próprias, dos pensamentos incontroláveis de uma mente ansiosa e sem treino. Concentrou sua atenção no silêncio, nas grandes profundezas da natureza. Imaginou-se mergulhando no mar cada vez mais fundo, mais silencioso, mais solitário. Sentiu claramente o seu coração baixando o ritmo. Seu cérebro ampliou as sensações físicas até o ponto de saturá-lo de impressões tácteis e sonoras, e além, para logo depois se tornarem um ruído de fundo. Acalmou-se.

Satisfeito com seu estado, pegou de seu bolso um celular e uma foto, e colocando o celular de lado, olhou atentamente à foto.

Havia nela um homem, e debruçada sobre ele, passando pequeninos braços sobre seu pescoço, uma criança. Ao fundo, um parque de diversões podia ser visto. O olhar da criança era do mais puro deleite e Rigel viu-se invejando os dois.

Certo dia, dois anos atrás, Rigel viu na Fundação Cosmos, sua casa, um filme de ação que, como tantos outros que passavam para as crianças, mostrava tiros, explosões, perseguições e atos heróicos. Naquele dia em especial, porém, talvez porque no dia anterior ele tivesse ido tão mal na prova de atletismo, ele não estava particularmente interessado em toda aquela ação e violência, e conseguiu ver, ao fundo do enredo simplista, as cenas em que o protagonista se arriscava para salvar sua família de terroristas. No final, a família unida de novo, passava a viver junta novamente e a esbanjar sorrisos.

Essa impressão ficou com ele. E ele pensou consigo mesmo, e perguntou a um de seus instrutores:

— Antares, por que eles estavam felizes em viver juntos?

— Porque eles estavam em família, Rigel.

E, diante da cara de incompreensão de Rigel, Antares completou:

— É como nós, aqui na Fundação, Rigel. Nós somos uma família. Se alguém dos seus amigos estivesse com problemas, você não gostaria de ir ajudar?

E Rigel entendeu o que Antares disse, e foi além do que o professor imaginou, porque havia uma diferença fundamental entre aquela família do filme e os seus amigos da fundação: no filme, eles estavam rindo muito, e na fundação, os risos eram bem raros. Nesse dia, Rigel entendeu que embora tivesse muitos amigos, não tinha uma família, e não tinha, em essência, por que sorrir.

E isso era algo que ele nunca poderia dizer a seus professores, ou amigos, mesmo que Alphard sentisse que havia algo de estranho nele, porque todo mundo que ele conhecia achava que a Fundação era a melhor coisa que existia, e que as preocupações das pessoas mundanas eram menores do que as deles.

Essa era justamente a essência da foto que ele segurava em sua mão: um prazer mundano.

Concentrou-se no homem da foto, sua face, sua expressão, o sentimento que estava capturado e estendeu sua mente na direção dele, mas não obteve contato.

“Ele é um estranho para mim”. Suspirou, não pela primeira vez, pelas experiências perdidas. Pegou o celular do seu lado e discou um número.

Vega suspirou exatamente no mesmo momento em que Rigel, ainda que por outros motivos.

Estava tudo indo por água abaixo. Esta noite era uma perda total. Ele já havia danificado um carro da Fundação e não estava nem um pouco mais próximo de encontrar Rigel do que meia hora atrás.

A conversa com os oficiais de polícia que invadiram o local onde o carro de Rigel capotou tomou-lhe um tempo precioso, de que ele não podia dispor. A certa altura, estivera muito próximo de Rigel, quase podia sentir-se agarrando o garoto, mas resolveu atirar nos pneus do carro que ele usava, forçando-o a parar. O carro de Rigel derrapou, rodopiou e por fim capotou em plena avenida, causando uma avalanche de batidas atrás deles, e a onda de susto e raiva lhe atingiu como uma maré revolta.

Havia parado o seu carro logo à frente ao que Rigel usara, invertido de rodas para cima depois da capotagem. Quem lhe ensinou a dirigir, pensou? Mas logo se lembrou que o garoto recordava-se perfeitamente de tudo o que via. Bastava ter observado alguém dirigindo uma vez para repetir o feito. Viu Rigel sair debaixo do carro, e por um instante, quando os olhares dos dois se tocaram, sentiu a vitória próxima. No instante seguinte, porém, depois de passar os olhos brevemente por Alphard ao seu lado, Rigel correu para a beira do viaduto onde estava, e saltou.

“Maldito telecinético!” Rigel pulou do viaduto e levitou para o chão, pousando são e salvo na avenida abaixo. O próprio Vega, que, não tendo nenhuma capacidade telecinética era incapaz de replicar o feito, não pôde segui-lo. Ficou condenado a ver pela mureta do viaduto Rigel sair correndo e continuar sua fuga a pé pela cidade. Mesmo que pudesse ir atrás dele, não poderia se afastar muito de Alphard. A garota estava tão assustada quanto Rigel, e por um momento, teve pena de ver o seu melhor

aluno fugindo dele, jogando na sua cara os crimes cometidos em nome de uma vida que estava pondo a perder.

Havia se posto a correr atrás de Rigel, mas naquele momento chegavam os policiais, colocando ordem na confusão. Vega conversou com um deles por um tempo demasiadamente longo, cinco minutos, até obter a sintonia necessária para instilar confiança na mente daquele mundano e conseguir que ele o liberasse da cena do acidente. Alphard, ao seu lado, sentiu sua ação, e a reforçava com sua própria concentração.

“Ela foi bem treinada.” Estava orgulhoso da menina, mas cada minuto contava, e quando eles se viram livres das autoridades mundanas, Rigel não estava mais à vista. Agora, Vega andava o mais rápido que podia com Alphard pelas ruas da cidade. A garota tinha em mãos o cartão que Rigel usava na Fundação e que estava carregado com as impressões emocionais dele. Alphard usava-o para saber em qual direção seguir através de impulsos clarividentes, mas o progresso era lento. Cada vez que tinham de parar para uma nova orientação, a menina precisava de mais alguns minutos para se centrar e entrar no relaxamento necessário para localizar o amigo.

Havia uma parte sua, e não era pequena, que se exaltava com tudo aquilo. Fazia oito anos que Vega não saía em uma missão de campo e o exercício, a tensão de uma boa perseguição, a adrenalina, tudo naquela noite lhe gritava vida. Vega sempre se mantivera em forma, mesmo que suas capacidades estivessem entre as menores da Fundação. Em seu coração, ele gostava da ação incerta e da tensão da caçada.

“Se apenas a noite lhe fosse mais propícia, tudo seria perfeito. Mas... Não se pode ter tudo na vida”.

Havia perdido um carro da Fundação e seria inútil tentar recuperá-lo uma vez que as autoridades policiais o marcaram. Essa perda, contudo, era infinitamente menor que a de Rigel, que além de desperdiçar os milhões gastos em seu treinamento, irritava Vega com a simplicidade da sua fuga. “Ele nos traiu... Ele escolheu viver entre os mundanos. Ele não nos quer mais”.

Como ele, Vega, foi cego o bastante a ponto de não ver os sinais que a criança havia emitido nos últimos anos? “Deus, eu gostava do menino, como ele pôde fazer isso?”, e Vega se remoia de culpa, remoso e desilusão.

“Vega, se todo mundo nasce de um homem e de uma mulher, onde estão as pessoas de quem eu nasci?”, Rigel havia lhe perguntado um ano antes.

“Vega, por que nos filmes as pessoas gostam tanto dos seus filhos?”, indagou há pouco menos de seis meses.

“Vega, de quem você nasceu?”, buscou saber há apenas um mês atrás.

E enfim, a pista final, óbvia, que ninguém pôde ver por estar cego demais na confiança que o garoto demonstrava na Fundação: “Vega, meu pai sabe que eu estou vivo?”.

Todas as crianças perguntam isso uma hora ou outra, ele se lembrou. Os questionamentos de Rigel não eram tão diferentes do que os de Lesath, Astéroe e Polaris quando eles tinham a sua idade.

E Sirius, pensou, Sirius também tinha feito as mesmas perguntas.

Sirius, seu amigo, seu irmão, o primeiro traidor. Ele achava que havia trancado a lembrança e se esquecido dele, ele achava que havia ignorado o que ele significava, mas Rigel abriu as portas das suas defesas, e Sirius voltava inevitavelmente à sua memória, revivendo dolorosamente aquela amizade rompida.

Novamente, como tantas vezes antes, Vega forçou a memória ao subconsciente e se concentrou no agora. Alphard havia parado e estava passando a mão sobre o cartão de Rigel, concentrando-se na sua localização.

— Uma sala... – dizia com a voz lânguida, as palavras vinham uma a uma em longas pausas, como se ela falasse dormindo, perdida em uma concentração clarividente no meio do caos urbano da capital.

— Paredes brancas... A casa está em construção... Ele está sentado... Está concentrado... Tranquilo...

Vega estava ajoelhado à sua frente e a ouvia atentamente, concentrado em meio ao barulho infernal da cidade e quase caiu para trás no momento seguinte. Alphard foi ao chão. Suas pequenas mãos esmagavam o cartão de Rigel, enquanto a menina soltava um grito agudo e pungente. Havia uma dor íntima, uma declaração de desespero profunda, forte demais para a tímida criança.

Vega ficou pasmo por alguns instantes. Segundos após, recomposto, amparou Alphard e meteu-se com ela por uma ruela, correndo para longe

dos olhares curiosos das pessoas e autoridades eventuais. “Meu Deus, o que aconteceu? Em um momento ela estava captando as imagens de Rigel, e no outro... Um choque desta força...”

Em sua cabeça, tentava incontrolavelmente explicar a reação de Alphard. Quanto mais analisava a situação, porém, chegava a apenas uma conclusão. Só havia uma coisa que pudesse fazer com que um clarividente, em contato mental íntimo com outra pessoa, entrasse em um choque tão grande:

Rigel morreu.

Nada mais poderia justificar uma reação tão forte em Alphard. A ligação entre eles era grande e a menina tinha passado as últimas horas pensando em Rigel, concentrando-se nele... Certamente esse era o único acontecimento que poderia explicar o horror que ele viu estampado na face da garota, seguido do seu desmaio.

“Mas se Rigel tivesse morrido, eu também deveria ter sentido... Não, não necessariamente...”. Vega sabia que estava agitado e aflito. Era bem possível que não tivesse percebido a morte do garoto devido ao estado em que se encontrava. Era preciso uma forte ligação, e um bom relaxamento, para perceber o momento em que alguém morre.

Encontrou um parque e colocou Alphard para descansar em seu colo, ansioso também por uma pausa na perseguição. Respirou fundo. No meio da noite, com o isolamento da escuridão, não prestou atenção aos tipos mal-encarados que os observavam.

Vega suspirou frustrado. “Se Rigel morreu, só pode ser porque ele tirou a própria vida”, e essa idéia lhe enchia de tristeza e de uma sensação de impotência à qual ele não conseguia suportar.

Por fim, minutos depois, Vega pegou seu celular e ligou para Rasalas.

Um toque foi o necessário:

— Vega? – perguntou Rasalas, sua voz naturalmente cansada ficava cadavérica com a preocupação. Vega sentiu sua ansiedade.

— Rasalas...

— Encontrou Rigel? – ele o interrompeu.

— Mais ou menos... Rasalas... Eu acho que Rigel tirou a própria vida...

Houve silêncio. Instantes depois, Vega concluía:

— Eu liguei para obter confirmação.

Outra pausa se fez.

— Entendo – respondeu uma voz estrangulada. Vega desejou imediatamente estar lá para poder amparar seu chefe e mentor. — Eu não senti nada, mas vou falar com Sulafat... Não saia da linha...

Vega esperou o que parecia dias, anos, séculos... “Antes eu tirar a própria vida a ter deixado que Rigel morresse... Deus, por que ele fez isso?”

Por fim, veio sua resposta.

— Vega?

O alívio, palpável naquela voz, tranqüilizou Vega imediatamente:

— Confirmação negativa – terminou Rasalas. — Eu falei com Sulafat e Antares, nenhum deles sentiu nada.

Vega permitiu-se um momento de quietude enquanto se acalmava. Instantes depois, porém, voltou à preocupação inicial.

— Onde você está? – perguntou Rasalas.

— Em um parque. Rigel saiu do carro. Estou procurando por ele através de Alphard.

— E ela?

— Ela estava em contato com Rigel e desmaiou... Algo aconteceu, Rasalas, não sei o que foi.

Mas na mente de ambos, a mesma idéia aterradora pairava, e subliminarmente, eles sabiam o que havia acontecido. A única outra explicação possível.

“Sirius...”, pensaram.

— Procure por Rigel e volte pra casa Vega.

— Sim, senhor – respondeu Vega automaticamente. Notou, porém, que Rasalas disse “Procure por ele” e não “Encontre-o”.

Vega ficou calado por alguns momentos. Tocou levemente na cabeça de Alphard, apalpando com sua mente as fronteiras da inconsciência, ouvindo os sussurros do sonho que ela experimentava e transferindo à menina, a segurança nascida da experiência que ele possuía, ajudando-a a querer acordar.

— Ei, moço... Tem um trocado?

Era uma voz rústica, com o peso da pobreza e miséria por trás. Vega sentia três intenções criminosas e duas assassinas pairando no ar. Ergueu o

olhar e parou de tocar em Alphard, interrompendo o contato imediatamente.

Havia três homens próximos. Todos estavam tão atentos a ele, que lhe foi fácil usar a própria energia deles para estabelecer um contato breve com suas mentes. Deixou-se inundar pelas imagens imundas que acompanham um espírito imundo. Vega teve o súbito desejo de esmagar suas consciências. Conteve-se. Afinal, não podia deixar sua própria raiva interferir na missão. Enviou-lhes um pequeno pulso, uma ordem simples, e fez com que os três caíssem no chão dormindo por pelo menos um dia inteiro.

Levou a mão esquerda à testa e respirou profundamente. Parou um instante para se recompor. Por mais que treinasse, suas capacidades nunca foram das maiores. Este esforço mental seria mínimo até para Alphard, e mesmo assim lhe consumiu quase todas as energias. Sentia um leve latejar no fundo do lado esquerdo de sua cabeça, o princípio de uma enxaqueca. Quando conseguiu relaxar o bastante para afastar o estresse da sua mente, Alphard estava acordando.

— Você está bem? – perguntou.

Ela apenas fez que sim em silêncio, mas havia tristeza e medo em seus olhos.

— Você pode encontrá-lo novamente, Alphard?

Alphard não se mexeu. Eles estavam tão próximos que Vega sentiu sua consciência retraindo-se intimidada. Vega transmitiu-lhe o máximo de amparo que podia, e disse:

— Tudo bem, Alphard, não tem problema. Se você não puder, nós voltamos para casa...

Alphard olhou para o céu vazio e sem estrelas da cidade, por um tempo demasiadamente longo e reflexivo para uma criança de onze anos. Por fim resolveu:

— Eu vou tentar...

Vega sorriu e entregou-lhe o cartão de Rigel. Imediatamente, o treinamento de Alphard entrou em ação, e ela profissionalmente afastou a ansiedade e concentrou-se no seu grande amigo, no seu irmão... Rigel...

“Onde está você, Rigel... Rigel...”

Segundos passavam. Minutos se arrastavam. Vega começou a ficar preocupado. Cada minuto novo era uma nova pontada de tensão que

prendia sua alma. Por fim, Alphard abriu os olhos sem ter dito uma palavra e o olhou com a mais franca expressão de susto que ele já vira naquele rosto.

— Ele não está... Ele não está – ela dizia.

E quando Vega tentou consolá-la, abraçando-a e fazendo fluir para sua mente o máximo de calma que podia conjurar no momento, ele ouviu-a dizer com o rosto escondido em seu peito:

— Desculpe-me, Vega... Eu não consegui encontrá-lo... Ele não está em lugar nenhum...

— Tudo bem, Alphard, tudo bem, querida... Está tudo bem...

Mas não estava tudo bem. Agora não havia mais dúvidas...

Era o evento Sirius de novo. E chegava com toda a sua força.

---

Se você gostou do primeiro capítulo, e quer ver como a história continua, adquira seu exemplar de “Fuga de Rigel” em uma das lojas abaixo:



livraria cultura

 **Saraiva**

